

# Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)  
**ARMANDO ROCHA CRUZ**  
Delegado em Lisboa: EMÍLIO VALONGO Tel. 45457

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 9  
TELEFONE 59—VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO—TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COLÓNIAS BALNEARES EM MONTE GORDO

## COLÓNIA BALNEAR DE ALCOUTIM

O menino, interpretando o sentir admirativo dos 80 meninos que constituíam o turno, encarando o mar que o assombrava exclamou com ingénuo pasmo:  
— Isto é que é o mar! E onde é que está a praia?  
Pode rir-se com ironia quem não conhece o concelho de Alcoutim, até há pouco sem vias de comunicação de nenhuma espécie, encravado em terreno áspero, onde de longe em longe aponta a sombra de uma árvore. Terra pobre, tem ali naquela Colónia constituída por 4 turnos

de 80 crianças cada um, o que pode a vontade firme e decidida de um homem—o sr. Artur Moura, presidente da sua Câmara Municipal.  
«Notícias do Algarve», presente a todas as iniciativas que visam o bem comum, interessando-lhe especialmente as que dominam o campo social, foi até Monte Gordo, ver o que era a Colónia para poder apresentá-la como exemplo a seguir por todas as entidades que o podem e, sobretudo, que o devem fazer.  
Estamos em presença do segundo turno constituído como

já dissemos por cerca de 80 crianças, vindas das freguesias de Alcoutim e Vaqueiros. Há uma viva animação entre elas.  
(Conclui na 2.ª página)



RISONHA ENTRADA DE ALCOUTIM

## CONVERSANDO

Pelo nosso Redactor-Delegado em LISBOA—EMÍLIO VALONGO



ESTES 34º graus por que Lisboa tem passado têm contribuído grandemente para a peculiar indisposição do lisboeta. Ele, de casaco no braço e chapéu atirado para trás, arrasta os pés suarentos pelas pedras da calçada, pensando para com os seus botões que e vida é bela para os que já nascem com a estrela da sorte na lapela do casaco, e não para ele, que tem de viver foçosamente com um mísero ordenado e esticá-lo, fazer multiplicações durante cerca de trinta dias.  
Enfim, com este calor que geralmente começa às 10 da manhã e termina altas horas da madrugada, o lisboeta transpira muito mas bebe mais: os refrigerantes não são suficientes para matar tantas gargantas ressequidas e o dinheiro também não é muito para beber refrigerantes...

Estes dias — que vão de 20 até ao fim do mês — têm a sua psicologia digna de nota: as esplanadas mais ou menos sem freguesia, enquanto os parques ou simplesmente jardins, se encontram repletos de encalorados que preferem a fresquidão da relva à ilusão gelada da limonada sem limão. É fácil determinar a causa quando o efeito é radical: o dinheiro não tem lugar ao sol... quando o calendário anuncia as proximidades do fim do mês.  
Diz o lisboeta que este novo

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)

## GASEIFICAÇÃO E ENGARRAFAMENTO DAS ÁGUAS DAS CALDAS DE MONCHIQUE

Pelo Ministério das Obras Públicas vai ser entregue à Fazenda Nacional as magníficas instalações de gaseificação e engarramento das águas de Monchique, recentemente construídas pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.  
Ao acto assistirão várias entidades que se deslocarão positivamente de Lisboa e autoridades distritais.

## Festejos em Honra DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO

TÊM início no dia 3 de Setembro as solenidades religiosas em honra da Padroeira desta vila, Nossa Senhora da Encarnação, que se prolongarão até domingo dia 6.  
Segundo o programa que já se encontra elaborado, as cerimónias para os dias 3, 4 e 5 constam de Serviço de Confissões, às 16,30 hora se tríduo solene preparatório, com sermão e bênção do Santíssimo Sacramento, às 21,30 h.  
No domingo, dia 6, haverá às 9 horas, missa, comunhão geral e prática adequada; às 12 horas missa solene e sermão; às 18 horas, missa

vespertina implorando as bênçãos de Deus e a protecção de Nossa Senhora da Encarnação para os marítimos da nossa Freguesia; às 8,30 horas, Procissão com a veneranda Imagem da Querida padroeira Nossa Senhora da Encarnação, na qual se incorporarão todas as associações religiosas existentes na paróquia, com suas insígnias e estandartes. Durante a passagem na Avenida marginal, as traineiras e outros barcos de pesca, embadeirados, saudarão com as sirenes e foguetes a Virgem Nossa Senhora. Sermão ao

(Conclui na 2.ª página)

# Está para breve a Construção DO NOVO QUARTEL DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ENTREVISTA COM O COMANDANTE DA CORPORAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

CONFORME noticiámos no momento oportuno, vai ser construído o novo Quartel para os Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António, velha e justa aspiração da Corporação local como de todos os habitantes desta vila, que nutrem pelos «soldados da paz» um profundo respeito e um carinho facilmente demonstrável pelas inúmeras dádivas que durante vá-

rios anos se fora sucedendo para a construção do Quartel agora tornado realidade. Não quisemos que tão grande benefício para a nossa vila ficasse reduzido a uma pequena notícia de redacção, sem o carinho devido a tão grande acontecimento e que a todos encheu de júbilo. Não quisemos pois que se deixasse passar o tão oportuno momento sem ofere-

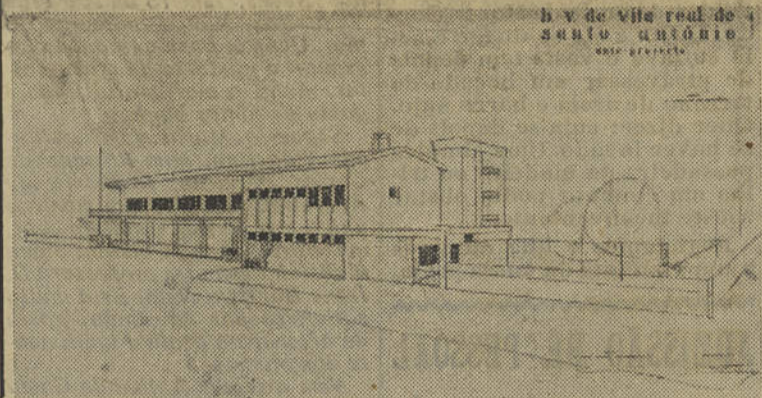


cer-mos aos nossos estimados leitores algumas palavras e considerações que nos fez o sr. Comandante Luís Cardoso de Figueiredo, dedicado Comandante dos Bombeiros Voluntários desta vila há bem longos anos:

Podemos finalmente anunciar que a construção do novo Quartel para os Bombeiros Voluntários desta vila, vai ser um facto?

Sem dúvida alguma, felizmente terminaram todos os contratamentos e dificuldades, para se realizar este desejado alojamento para

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)



## O PROBLEMA TURÍSTICO DE MONTE GORDO (4)

# MONTE GORDO

## UMA DAS MAIS BELAS PRAIAS DA EUROPA

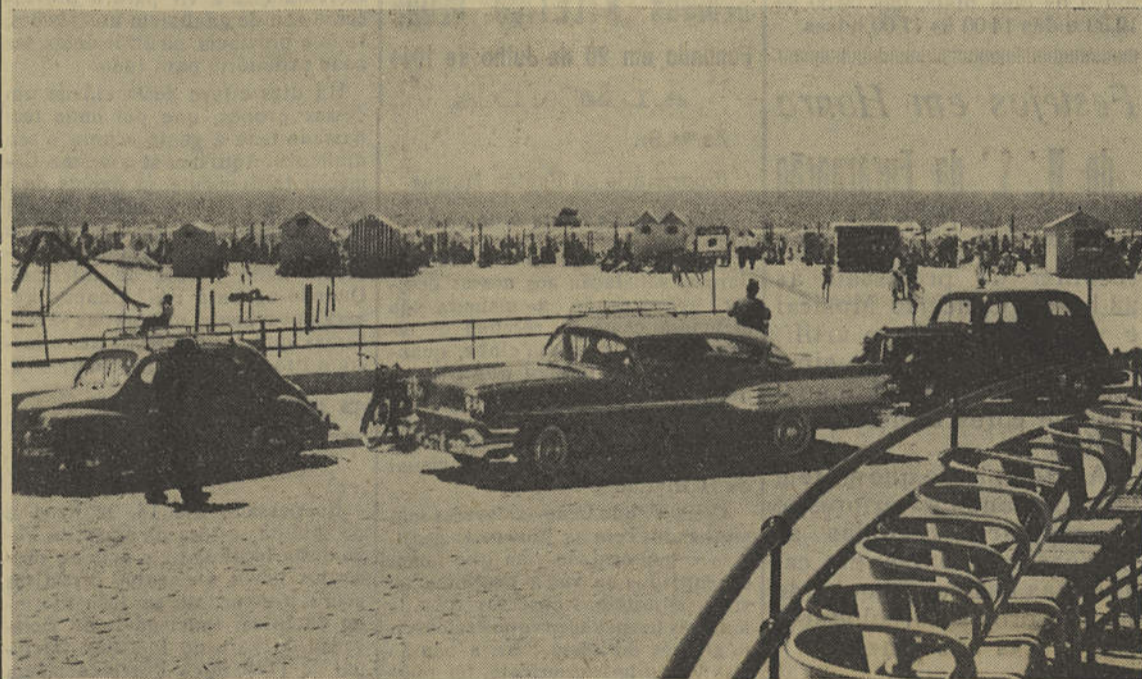
Depõe hoje no «Notícias do Algarve», sobre o «Problema Turístico de Monte Gordo» a escritora e jornalista portuguesa de fino estilo e rara sensibilidade Leonor Bello.  
De passagem por esta vila encontrou em Monte Gordo uma das mais belas estâncias balneares que tem visitado, pelo que se sucederam os dias em que verdadeiramente maravilhada, permaneceu em Monte Gordo.  
Esposa do nosso prezado amigo sr. António Pereira Bello, distinto fotógrafo de arte e director do arquivo de gravuras do SNI, a Sr.ª D. Leonor Bello, oferece hoje aos

nossos leitores um dos mais belos e mais oportunos artigos que temos publicado sobre a magnífica praia do Monte Gordo, que merece o carinho de todos nós para que ascenda ao lugar a que tem merecimento.  
2 de Agosto de 1959 — «É URGENTE CUIDAR DO FUTURO TURÍSTICO DE MONTE GORDO».

9 de Agosto de 1959 — «O PROBLEMA TURÍSTICO DE MONTE GORDO».  
Dois excelentes artigos publicados recentemente no «Notícias do Algarve» que merecem a melhor atenção. Além de bem escritos, clamam verdades que se compreendem logo que se chega a Monte Gordo. De facto passei por ali, ainda não há um mês, e

pude sentir tudo o que nestes artigos se aponta. Num deles lemos esta frase: «... e cremos que desta colectiva manifestação algo teremos a lucrar em benefício de Monte Gordo, esperando que os nossos leitores e mesmo os veraneantes daquela praia nos escrevam enaltecendo a praia, enumerando alguns defeitos e apresentando-nos sugestões, pois estamos certos que, comunicando nos mesmos interesses, Monte Gordo ascenderá ao lugar a que tem jus».  
Não sou do Algarve. Sou da Beira Alta, mas como portuguesa, apaixonada por tudo o que é belo no nosso País não resisto a

(CONTINUA NA 5.ª PAGINA)



## 10.000 CONTOS DE CORTIÇA EXPORTADA EM JULHO

Cerca de 14.000 toneladas de cortiça, no valor de 113.021 contos, exportou Portugal durante o mês de Julho.  
A principal exportação foi de rolhas (28.580 contos), seguindo-se pranchas (21.797 contos), aglomerados para isolamento (13.762 contos) e aparas finas (11.838 contos).  
Em relação ao mês anterior, a exportação de Julho subiu mais 27.370 contos.

## Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES  
Na esplanada  
A esplanada é constituída por três filas de mesas, muito juntas. Só a primeira fila assenta no passeio. As outras alastram na rua, que ocupam até metade. A outra metade pertence aos jovens, que andam de baixo a cima, de «shorts» eles e elas, empunhando cones de gelado. É ao vendedor de amendoins cuja tenda ambulante é o único veículo permitido nesta zona depois das quatro horas da tarde. Nos tapais da carricana um conselho saudável e optimista: «Faz pela vida!»  
Na esplanada desemboca a pequena burguesia lisboeta, dvida de descontração e limonadas. Gosto de observar o que faço durante uma hora, diga-

(Conclui na 2.ª página)

## CARTA DE LONGE OS TRANSPORTES NACIONAIS para o Extremo-Oriente

QUANDO o senhor Ministro do Ultramar inaugurou, em 1952, a carreira de navegação entre a Metrópole e as nossas Províncias Ultramarinas da Índia, Macau, e Timor, foi grande o regosio dos habitantes portugueses de Macau, que julgaram que, de facto, se iria iniciar uma carreira regular que estreitasse, cada vez mais, de laços nacionalistas que devem ligar à Mãe Pátria às suas Províncias Ultramarinas.  
Mercê de várias circunstâncias, que não vamos agora referir, só a Índia entrou em franca ligação com a Metrópole, não só por via marítima, como até por via aérea, limitando-se a carreira para Macau e Timor a dois navios por ano que, pouco mais ou menos, de seis em seis meses, por aqui aparecem, sem contar com os navios

que, armados em transportes de tropas, que vêm fazer a rendição dos efectivos militares, o que acontece quando essa rendição é determinada.  
Limitada, pois, a dois navios, a carreira para Macau e Timor, foram escolhidos o «Índia» e o «Timor», que pela sua pequena tonelagem, roncoiro andamento e viagens incómodas que, por vezes, proporcionam aos passageiros, deviam ser os últimos a ser destinados a tão longínquos territórios nacionais.  
O «Índia» e o «Timor» são dois navios gémeos, até nos defeitos: desequilibrados, balançando à mais pequena ondulação, se o mar se altera transformam as viagens num verdadeiro suplício. E como aparecem de seis em seis meses,

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Esteve nesta vila, a fim de assistir ao casamento do sr. João Adelino Rodrigues Canelas, o nosso assinante sr. Augusto Rodrigues de Lima Centeno, acompanhado de sua esposa e gentil filhinha.

Encontra-se a veranejar na praia de Albufeira, o sr. Gervásio Santos, nosso prezado assinante.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se no Algarve, o sr. Brás Cabrita de Almeida Conde, administrador do Banco Português do Atlântico no Porto.

De visita a sua família, esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o sr. Joaquim dos Santos Travaços, agente técnico de Engenharia.

A veranejar, encontra-se na Praia de Monte Gordo, acompanhado de sua família o sr. eng.º José Gaudêncio Pessanha Barbosa, residente em Lisboa.

Encontra-se em Vila Real de Santo António acompanhado de sua esposa e do sr. Capitão Alberto Baptista, ajudante de campo do sr. Ministro da Defesa o sr. General Leonel da Costa Lopes, Director da Arma de Infantaria.

De visita a seus pais encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e colaborador sr. Vítor da Silva Ruivo, funcionário da Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência, em Lisboa.

Com pouca demora esteve nesta localidade o nosso prezado assinante em Alhos Vedros sr. Manuel Móra Féria.

Acompanhado de sua esposa encontra-se em Monte Gordo a veranejar, o nosso estimado amigo e assinante em Lisboa, sr. Eurico Duarte Baltazar.

## BAILE DE «TRAVESTIS» EM MONTE GORDO

Prometendo ser tão animado como nos anteriores anos, está a despertar o maior interesse o baile de «Travestis» que terá como lugar o magnífico «Casino Oceano», revertendo o produto do baile para a Comissão Municipal de Assistência de Vila Real de Santo António, verdadeira obra de caridade que a todos se impõe ajudar.

Aos pares que se apresentem com mais originais trajes ou mais ricos disfarces serão oferecidos três magníficos prémios.

Espera-se pois, como nos anos anteriores, larga afluência de todo o Algarve, constituindo esta festa um verdadeiro acontecimento mundano na temporada de Verão de todo o Algarve.

## Conta Gotas

(Conclusão da 1.ª página)

mos. *Fatiga-me, como as paisagens sempre iguais. A breve trecho, os gestos, as expressões, os problemas confundem-se no mesmo tom cinzento e morno. Burguesia que se demitirá e agora se contenta em vegetar à beira de uma «imperial»... de cerveja.*

## HIPOTECAS

Sobre propriedades rústicas e urbanas, a 6% longo prazo.

M. Palma & Silva, Lda.

Rua de S. Nicolau, 59, 2.º Telefone 36 67 68 LISBOA

## VAI A LISBOA?

VISITE A GRANDE EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO EM TODOS OS ESTILOS

NOS VASTOS SALÕES DE

## MÓVEIS JANEL

NA RUA RODRIGUES SAMPAIO, 76 - A

## Colónia Balnear de Alcoutim

(Conclusão da 1.ª página)

Reconhece-se que estão satisfeitas. Dentro de uma compreensível disciplina, riem e brincam à vontade. Uma delas de há muito que o médico lhe receitava vir até à praia, mas a pobre mãe murmurava com amargura: *Como posso eu fazer isso, se somos pobres, não posso abandonar as terras que trago de renda e não tenho a quem deixar este meu outro filho mais pequeno?*

Viu agora a pobre mãe satisfeita.

## BALNEÁRIO-VESTIÁRIO de Monte Gordo

Há coisas simples que facilmente se podem remediar e que beneficiam a todos. Referimo-nos aos Balneários-Vestiários da praia de Monte Gordo. Quem a ele se dirige e nele se lava e veste tem depois de atravessar um bocado de terreno de areia e barro sujo. Quer dizer: suja-se depois de se haver lavado. Uma simples passadeira de madeira ou tripla em cimento podia obstar a este inconveniente.

Registamos o que ouvimos a um visitante da nossa praia.

## ADMISSÃO DE PESSOAL para a Armada

Até 12 de Setembro próximo futuro, está aberto concurso para a admissão de 200 voluntários para a Marinha de Guerra, a que podem concorrer os mancebos que completam este ano 17 ou 18 anos de idade. Igualmente até 17 de Setembro está aberto concurso para a admissão de 14 alunos artífices condutores de máquinas, 12 alunos artífices electricistas e 12 alunos artífices radioelectricistas, a que podem concorrer todos os indivíduos de idade não inferior a 18 anos e superior a 25, e que possuam determinada habilitação das Escolas Industriais, exigidas por lei. Os alunos artífices, após um curso técnico na Escola de Mecânicos da Armada, em Vila Franca de Xira, têm rápido acesso a Sargento e, mais tarde, segundo a lei geral, a Oficial. As Capitãneas e Delegações Marítimas do Algarve prestam aos interessados, todos os esclarecimentos. No caso de qualquer dúvida, devem os interessados dirigir-se à Secretaria da Capitania do porto de Faro, nas horas de expediente, isto é, todos os dias úteis, das 09,50 às 12,30 e das 14,00 às 17,00 horas.

## Festejos em Honra de N.º S.ª da Encarnação

(Conclusão da 1.ª página)

recolher da procissão; às 22 horas, Concerto Musical e vistosos fogos de artifício, sobressaindo a queima simultânea de 120 foguetões de cores e efeitos variados.

A exemplo do que se tem feito nos anos anteriores, é de esperar que todas as pessoas residentes em casas sitas nas ruas por onde passa a procissão, coloquem colgaduras nas janelas.

felto o seu anseio. Uma menina, ouve mas não fala. Explicamos que é epiléptica.

Estão instaladas nas escolas primárias, entre a mata, o que lhes é duplamente propéitico e são superiormente dirigidos pelo escoteiro católico de Faro sr. António Manuel Honrado Geraldes, que gentilmente nos acompanha e elucida; têm mais duas monitoras, três senhoras que trabalham na cozinha e uma na administração. Todos se dedicam com entusiasmo à sua missão. Auxiliam esta obra útil a Comissão Municipal de Assistência de Alcoutim, a Cáritas, Governo Civil, Direcção Geral de Assistência, etc. E não nos quisemos retirar sem ouvir alguns daqueles beneficiados.

Escolhemos ao acaso um menino e uma menina de cada uma das freguesias presentes.

Chama-se Cândido Antunes das Neves, tem 13 anos e é de Vaqueiros. Nunca tinha visto o mar. Chorou para que o deixassem vir e gostaria de poder voltar. Acha o mar muito lindo e gosta de tomar banho.

Segue-se Maria da Encarnação Faustino, com 12 anos, de Cortes Pereiras, freguesia de Alcoutim. Das que ouvimos é a única que já tinha visto o mar, em Faro, quando visitou a sua madrinha senhora professora D. Irene Baptista Neto. Está muito satisfeita por ter vindo, gosta de brincar na praia e igualmente dos banhos.

Vem a seguir Anibal da Costa Martins, de 10 anos, de Alcoutim. Tem o pai trabalhando em Lisboa e são muitos irmãos. O mar era-lhe desconhecido mas gosta de se banhar nele, e de brincar na areia e se o deixassem gostaria de voltar.

Ouvimos por último Senhorinha Leonilde Teixeira, de 11 anos, de Ferrarias, freguesia de Vaqueiros. O mar foi para ela uma surpresa, mas gosta de se meter nele e não o receta. Brincar na areia é para ela um encanto. Dá-se bem com os companheiros e gostaria também de voltar.

Todos foram unânimes em afirmar que são bem tratados.

«Notícias do Algarve» dá aqui por finda a visita que veio fazer a Monte Gordo e aproveita a oportunidade para felicitar o sr. Artur Moura pela sua iniciativa, desejar que a mesma seja coroada de todo o êxito, como é de esperar, e apontar o seu exemplo a todos os homens a quem cumpre velar e defender os interesses dos mais necessitados.

## ALMADA ATLÉTICO CLUBE

Fundado em 20 de Julho de 1944

### ALMADA

Ex.º Sr.

Proprietário da Pensão Mateus

Vila Real de Santo António

Desculpe V. de só tardiamente darmos satisfação aos nossos desejos, agradecendo a maneira tão atenciosa como V. recebeu os representantes do nosso clube, quando do jogo de futebol que tivemos de efectuar em Vila Real de Santo António no dia 31 de Janeiro p. p. contra o Lusitano Futebol Clube, a contar para o Campeonato Nacional da II Divisão.

Cria V. que ficamos deveras sensibilizados com as provas de gentileza e honestidade com que fomos obsequiados na vossa pensão, e assim, permite-nos observar que de todas as hospedagens que temos feito através do nosso País, a pensão que V. muito bem orienta, foi inquestionável, tanto no que diz respeito ao serviço de mesa como de quartos.

Desejando a V. as melhores prosperidades e votos de boa saúde, cumpre-nos mais uma vez agradecer todas as atenções que nos foram dispensadas.

Almada Atlético Clube

Pela Direcção

Jacinto Ferreira de C. Louro

Director Desportivo



## PROVINCIA

### TAVIRA

#### Espectáculo Indesejável

Durante 15 dias, a sala de visitas de Tavira — Rua da Liberdade e Praça da República — foi teatro de um espectáculo indigno de uma cidade. Uma alcatéia de cães sem apanho e alguns sem coleira, perseguindo uma cadela de raça, não deixaram socegar ninguém com os seus latidos e actos indecorosos. Desde manhã à noite toda a gente que passava nestas artérias principais foi testemunha de espectáculos indecorosos, que ninguém teve ânimo de pôr cobro. Quando acabaram estes e outros espectáculos, tanto mais que Tavira aspira a ser cidade turística?

#### O Custo da Vida

Ultimamente tem havido pouco peixe à venda, motivado pelo mar do «Levante». Esta semana tem aparecido algum peixe de fóra, entre o qual o conhecido «Charro do Alto». Desta vez o mesmo tem sido «ares» de peixe para ricos. Sempre se tem vendido o mesmo aos pares, por 2\$00, 2\$50 e 3\$00 cada par, o que é razoável e tem trazido lucro para as várias pessoas que os vendem. Desta vez não sucedeu assim.

Foram vendidos a quilos, o que deu a razão de 6\$00 cada par.

Como medida de benefício para o público nada surgiu. É mais uma «ratoeira», comprar ao cento e vender aos quilos. Quem nos acode?

#### Sinalização nas Ruas

Em devido tempo demos louvores a tal benefício que foi dado a Tavira. Porém, não há bela sem senão. As coisas fazem-se para cumprir, e quem é de qualidade arranja sempre motivo para não o cumprir.

Porque não se dão sanções a quem não quer cumprir? Temos visto algumas artérias principais tracejadas a indicar como deve ser o trânsito e como igualmente deve ser o estacionamento. Ali também se não cumpre. Há sempre quem proposadamente ignore. O tracejado também já está de tal maneira gasto que se presta a ignorar o que se deve cumprir. No largo do Mercado Municipal é aí que ele está de tal maneira apagado que cada um põe o seu veículo onde muito bem quer e deseja, prejudicando o acesso à entrada do mercado. Chamamos a devida providência para tal falta.

#### Desastempos Musicais

Têm aparecido no «Parque Municipal», devidamente arrendado para tal efeito alguns espectáculos de variedades, que trazendo à cabeça uma figura de cartaz, alguns indivíduos apanhados aqui e ali e com uns premiozinhos à mistura, um locutor e uma semi-orquestra, se abalançam a vir para a província, a fim de ganharem uns tostões, vista a província, no dizer deles, ser bode expiatório para tudo.

Há dias esteve nesta cidade um desses grupos, que por onde tem passado toda a gente «chora o seu dinheiro». Aqui deu-se o mesmo. Começou tardiamente, já depois de o público que fez o sacrifício de ir lá ter esperado mais de uma hora e ainda a qualidade do citado espectáculo nada tivesse de interesse. Quando acabará isto? Quando haverá quem ponha mão nestas «aventuras» que só desprestigiam o teatro e tira o gosto pelo mesmo? — E.

### PADERNE

#### Casa do Povo

No passado dia 13, realizou-se na sala de sessões da Casa do Povo desta localidade, o acto de posse dos novos elementos directivos, com a presença do sr. João Florindo da Silva, funcionário da Delegação de Faro do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência, em representação do sr. Delegado da referida Delegação, sendo os novos dirigentes os srs. Francisco da Palma, Abel Guerreiro Gomes e Manuel Henriques, respectivamente presidente e 1.º e 2.º vogais da Assembleia Geral e João Guerreiro da Palma, José Gonçalves Cruz e Daniel Matias Vieira presidente, secretário e tesoureiro da Direcção.

#### Cine Esplanada

Dentro de breves dias, deve dar-se início às obras de construção do Cine-Esplanada Padernense obra essa que há já bastante tempo, ansiávamos pois não há nesta localidade qualquer género de diversão, estando já aprovado o projecto da referida construção.

#### Colheita de Cereais

Prevê-se este ano uma boa produção de milho e feijão dadas as grandes extensões de terreno semeados, e o seu notável desenvolvimento, que felizmente deverão compensar as fracas colheitas dos outros cereais e frutos. — E.

### CASTRO MARIM

#### Desastre mortal

No passado dia 21, quando em bicicleta se treinava para se in-

corporar na corrida organizada pela A. C. de Faro, que se realizou no passado domingo, Aldemiro do Nascimento Correia, de 24 anos, solteiro, natural de Canela, residente em Cabanas (Tavira), filho da sr.ª D. Brites do Nascimento e do sr. José Correia, ao fazer a curva e contra curva da ladeira dos Camachos, desta freguesia em direcção à aldeia do Azinhal, embateu violentamente com o camião do sr. António Lourenço Correia, proprietário. Conduzia o camião o sr. Manuel Gomes, de 41 anos, casado, que seguia pela mesma estrada. O ciclista conduzido ao hospital Ribeiro Ramos, nesta vila, veio a falecer 6 horas depois.

O cadáver foi conduzido para a igreja da Santa Casa da Misericórdia muito acompanhado, e no dia seguinte realizou-se o funeral para o cemitério local.

#### Notícias Pessoais

Esteve em Castro Marim de visita a seu íntimo amigo sr. José Pedro Pires Parra que se encontra doente, o sr. prof. Trindade e Lima, residente em Lisboa.

Esteve alguns dias na sua casa de Castro Marim, de visita a seus pais, o sr. Albano José Parra, residente em Lisboa.

Com sua esposa e filhos, encontra-se nesta vila o sr. Custódio Afonso Anastácio, residente em Faro.

Durante alguns dias, esteve nesta vila, de visita a sua família, a sr.ª D. Mariana Martins, residente em Lisboa.

Encontram-se em Lisboa as sr.ªs D. Maria Helena e D. Angelina Nogueira Faísca.

Regressou do estrangeiro a menina Maria Celsia Nogueira Vaz Palma.—C.

## Agradecimento

Fernanda Baptista Primitivo Pires e família agradecem a todas as pessoas que a acompanharam na sua dor quando do falecimento do seu saudoso marido.

## FALLECEU EM ITÁLIA O CAMPEÃO PORTUGUÊS DE PESCA SUBMARINA JOSÉ RAMALHETE

Faleceu em Itália durante o concurso de «La Madalena» o campeão português de pesca submarina sr. José Ramalhete, quando efectuava vários mergulhos em companhia do campeão mundial da modalidade Jules Carman, que também pereceu. O lamentável desastre deu-se quando os dois desportistas, perseguindo um enorme peixe ao largo da costa da Sardenha, tendo o campeão português Ramalhete sido atacado de asfixia. De nada lhe serviu o auxílio que o francês Carman lhe prestou por momentos. Depois de alguns momentos de aflição o campeão mundial faleceu também por asfixia.

O indeseitado desportista, industrial e residente em Lisboa, era casado com uma filha do sr. Eng. dos Caminhos de Ferro, Valentim Bravo e sobrinho do nosso estimado amigo e residente nesta vila sr. Manuel Bravo Gomes, a quem apresentamos as nossas condolências.

Assina e propaga «Notícias do Algarve»

## POMAR

Arrenda-se no sítio do Rio-Seco. Os interessados devem dirigir-se ao seu proprietário, Moreira Parra, em Castro Marim.

## AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 14 a 20 de Agosto

#### TRAINEIRAS

Tufão	17.770\$00
Leste	7.210\$00
Flor do Sul	4.868\$00
Janita	3.840\$00
Tozé	3.175\$00
Triunfante	2.820\$00
Liberta	2.635\$00
Flor do Guadiana	2.330\$00
Refrega	1.760\$00
Infante	1.120\$00
Agadão	945\$00
Pérola do Guadiana	805\$00
Total	134.247\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 21 a 27 de Agosto

#### Entrados:

ARBEDO, Suíço, de 996 ton., de Tanger, com carga em trânsito. MARIA CHRISTINA, Português, de 549 ton., de Lisboa, vazio.

#### Saídos:

MARIA CHRISTINA, com minério, para Lisboa. ARBEDO, com conservas, para Génova. MARIA CHRISTINA, com minério, para Lisboa.

#### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 29 de Agosto a 2 de Setembro a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito — Telefone 31.

## JOGOS FLORAIS na Praia de Armação de Pera

Promovidos pela Junta de Turismo da magnífica Praia de Armação de Pera, no Algarve, realizam-se, no dia 17 de Setembro próximo, Jogos Florais da mesma Praia, com o patrocínio do S. N. I. Casa do Algarve, em Lisboa, e do Grupo dos Amigos de Silves.

As produções poéticas devem ser entregues até ao dia 12 de Setembro.

O concurso faz-se nas seguintes modalidades: 1) Poesia lírica; 2) Soneto; 3) Poesia com mote; 4) Quadra popular. O mote para a 3.ª modalidade foi dado pelo distinto poeta Ramiro Guedes de Campos, que presidirá aos referidos jogos florais e é a seguinte:

No Algarve, a coisa mais bela É este amor singular O namoro de janelas Que há entre as rochas e o mar.

Para esta modalidade haverá três prémios e menções honrosas.

As produções devem ser datilografadas em triplicado e subscritas com pseudónimo, lacrado, dentro do qual se indicará o nome verdadeiro e a morada do autor.

Os concorrentes deverão dirigir os seus trabalhos à Junta de Turismo da Praia de Armação de Pera — Algarve.

## FISCALIZAÇÃO DA PESCA

A vedeta «BICUDA», da Esquadilha Fiscal do Sul, sob o Comando do 1.º tenente sr. Luís Fernando de Vasconcelos Pequeto Cortez Pimentel, apresou no passado dia 22, o arrastado espanhol «Acuario» de 15 toneladas, da praça de Ayamonte, que se encontrava em exercício ilegal de pesca, pelas 21,20 horas desse dia, em águas jurisdicionais portuguesas, a cerca de 1 milha e sete décimos da costa, nas imediações do Cabo de Santa Maria.

O mestre da embarcação foi julgado no dia 24, na Capitania do Porto de Faro, sendo condenado nos termos da lei. O julgamento foi presidido pelo sr. Capitão de Fragata Américo das Neves Pacheco, na qualidade de Capitão do porto de Faro e Comandante da Esquadilha, assistindo o sr. Armando Gonçalves, chanceler do Consulado de Espanha, na ausência, por motivo de doença, do respectivo consul.

## TRESPASSA-SE

por motivo de saúde  
Café Restaurante

JANELAS VERDES  
de LUÍS FÉLIX DA SILVA

Telefone 206 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



SUPLEMENTO LITERÁRIO  
«NOTÍCIAS DO ALGARVE»

COORDENAÇÃO  
DE  
FRANCISCO COTA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 9  
TELEFONE 59 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

# O Romance Inglês

**T**ODA a arte de um modo geral é função do artista, não tanto por ser uma resultante das causas mais ou menos objectivas que condicionam a sua origem, em equação funcional com aquele como, e sobretudo, pela atitude que da parte dele pode interferir na sua visão das coisas, dos objectivos, a alcançar e dos processos que toda a arte implica na sua criação, mas realizáveis por vias diferentes segundo a concepção ou concepções que lhes presidem. O romance, por exemplo, quando verdadeiro romance, nada menos é que uma expressão de Arte e como tal subordinada, é óbvio, a este mesmo ciclo evolutivo, a estes mesmos caracteres de ordem fenoménica.

Como resultante de um conjunto de processos em sentido evolutivo, o romance admite portanto uma diferenciação em ordem de estrutura, donde o poder falar-se de um romance francês, ou de um romance russo, ou de um romance inglês: Este, por exemplo, vive de uma tradição de narradores, e, ao dizer-se isto, toca-se, de imediato uma das suas características principais, comulada com o seu aspecto essencialmente prático.

O que domina no romance inglês sob o ponto de vista de atitude do romancista, na maneira como *«le é feito, se faz»*, é a sua sucessão de acontecimentos, mais ou menos encadeados, (mas sem que se preveja o fim, isto é, sem uma ideia preconcebida) aquilo a que alguém chamou uma tendência pela «aglutinação cénica». O romance francês, ao contrário, mais teórico que prático, reflecte uma atitude bem outra: pressupõe uma partida da hipótese para a tese, da causa para o efeito, tal como por exemplo se encontra na Literatura russa, num «*Crime e Castigo*», de Dostoiévsky, em que crime invoca castigo, onde se pretende *provar* que não há crime perfeito sem ter, finalmente, a sua mais ou menos rápida sanção.

A geração inglesa literária de 1915 em que surgem os imagistas Ezra Pound, Brooke, Huxley, Aldington e Lawrence, geração que pretendia captar o jacto de imagens tradutoras da vida mental e da vida emocional, em luta contra o abstractismo que predominava então, dá-nos uma elucidativa resenha do que seja a técnica inglesa do romance, através daquele último, — David Herbert Lawrence, — quando diz: «As personagens no romance devem apenas

viver. Se se gastam a ser boas, segundo uma tabela, ou más, pela mesma razão, deixam de viver e o romance cessa de ter vida própria. As personagens do romance têm de viver, ou então o romance nada é».

O sexo domina a obra de Lawrence, como a crítica de costumes domina a de Charles Dickens, como as aventuras medievalescas possuem a obra de Walter Scott. Mas uma coisa é válida, ao estudá-los à luz de um dominador comum: — as personagens não vivem por padrões, os romances *mostram*, não *le mostram* (como acontece, verbi gratia, numa «*Madame Bovary*» de Flaubert, num «*Primo Basílio*» de Eça de Quei-

roz), *mostram* apenas, ou quase, como no Eça dos «*Maias*», já propriamente numa Jane Austen, num Somerset Maugham (apesar de neste haver educação e uma ou outra influência francesa), já remontando às origens do romance inglês, num Fielding, Richardson, Smollet, Stune, num Goldsmith.

O enredo, no romance inglês, é feito pelo sucesso dos acontecimentos, de uns a outros, como que num folhetim elevado (no caso dos bons escritores ingleses), e não geométricamente, passe o termo, como quem pretende dar uma lição por processos de oratória, decomponível nos seus respectivos elementos. A «*Madame Bovary*» (Conclui na 4.ª página)

## Nós e as Revistas Literárias

**N**UMA afirmação feliz do poeta Rafael Morales que teve larga divulgação numa página literária dum importante diário da capital, tendo essa afirmação o sabor digno desse grande poeta amigo da literatura portuguesa. O distico vinha na primeira página e continha esta expressão: «Urge lançar uma revista Luso-Espanhola». Rafael Morales não deixou de trazer até nós a sublime ideia de criar entre nós mais uma revista capaz de falar deste bloco literário que pode muito bem ser apontado como exemplar, principalmente, nas lides poéticas. Portugal e Espanha sempre deram através dos tempos a sua viva e sublime poesia.

No pensamento de Rafael Morales, naquilo que nos disse quando esteve em Portugal, em Junho passado, deu alicerces para a grande empresa literária para um chamado convívio luso-es-

panhol do qual havia de nascer por certo a necessidade de uma grande revista literária. Vontade não faltou a todos que o escutavam no lhe dizer, quase sem pensar: vamos realmente ter uma revista. Mas o problema das publicações literárias, aquelas que viveram e deram mostras de coisa capaz, morreram por falta de recursos, por asfixia total. Os grupos criam-se, fazem coisas, divulgam, mas o dinheiro para a sustentação de determinada revista é que falta, escasseia um pouco. E é tudo.

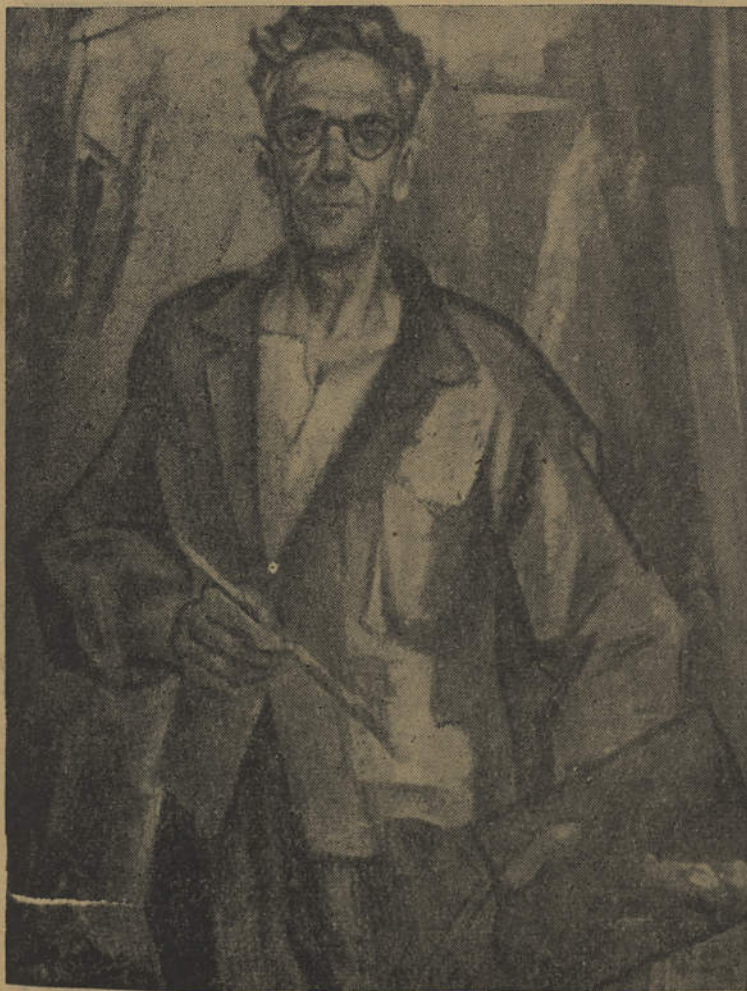
Existe a necessidade em criar realmente uma revista. O mesmo o disse Angel Crespo, outro poeta espanhol que em Julho passado esteve connosco. Se eles poetas espanhóis sentissem a nossa vontade, o desejo difícil de sustentar... A fome de uma revista digna que nos divulgue, que chame a atenção do Mundo para este pedaço de terra que é pátria de poetas.

Ainda sobre esta necessidade «urge lançar...» seja o que for e a decadência de coisas várias.

Em tal tempo nasceu o celeberrimo «*Dom Quixote*» com Madeira Piçarra na sua (Conclui na 4.ª página)

### ANGEL CRESPO

**P**OR absoluta falta de espaço não nos foi possível incluir neste número a entrevista que o poeta espanhol Angel Crespo deu ao nosso suplemento. Angel Crespo, uma autoridade da literatura espanhola, esteve entre nós numa visita coroada de um bom convívio de fortalecimento nas lides literárias da Península. No próximo número daremos o cumprimento a este grande dever, publicando integralmente a entrevista dada pelo valoroso poeta espanhol e nosso particular amigo. A nossa missão é agradecer de alguma forma as atenções de estudo que Angel Crespo tem elevado no traduzir alguns poetas portugueses para a modelar poesia espanhola.



Auto-retrato Óleo de Dórdio Gomes, um dos primeiros prémios de Pintura

Por MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

**C**ADA povo tem a sua literatura. Esta é o reflexo da alma, verdadeira expressão do sentir. Mostra-nos suas lutas e anseios, rebel- dia ou pusilanimidade, génio ou o nulo.

Há literaturas que se erguem para o futuro, em gritos de promessas firmes, lançados por uma mocidade segura de si própria e bem preparada num crescente progresso.

Outras sentem-se amarfanhadas em preconceitos, tímidas, limitadas, pobres de ideais arrojadados, medrosas de grandes vãos. Outras ainda, notam-se deprimidas, verdadeiro despojo de grandezas, restos de épocas áureas que secubiram por qualquer cataclismo histórico.

Em todas elas, porém palpita um povo e é isso o que interessa para o estudo da sua literatura. A ultramarina começou, pode dizer-se, nas últimas décadas do nosso século. A história foi a sua primeira manifestação. Isto documenta a necessidade de se tornarem conhecidas estas províncias, mesmo assim ainda tão superficialmente estudadas. E, embora, em todas elas, predomine a mesma essência lusitana, a igual sensibilidade e amena língua pátria, a literatura de cada uma delas, tem seu cunho particular, sua personalidade, que se burila ao contacto do ambiente, da mentalidade na iva, da paisagem.

Em S. Tomé predomina a nostalgia da roça, a fartura do verde, o exotismo, que põe em cada alma uma ternura muito particular; a lenda das «*Águas*» cantando entre tufo matizados e a riqueza festiva da terra que até mesmo nos nativos tem seu cunho predominante. A literatura de S. Tomé tem qualquer coisa de diferente que nos subjugava e arrebatava, que nos faz sonhar.

Em Cabo Verde predomina a estranha independência dos seus habitantes, o amor intenso por quanto é cultura, a inteligência clara e a força de vontade. O cabo-verdeano, longe de se amarfanharem na pobreza da sua terra, grita o progresso, atira para longe a opressão que o deprime e ergue-se a par das mais arrojadadas expressões literárias ou artísticas da época. Que contraste curioso entre o meio e o desejo

espiritual de ser mais e maior...

Em Moçambique a característica também varia. O modernismo impõe-se em toda. Na vida arejada da província não cabem raquitismos atrofiadores nem antiguidades conservadoras. Hora a hora parece que tudo se renova e a literatura é a expressão firme deste singular querer. Influências estrangeiras, principalmente inglesas, contribuem para que seja assim. Moçambique é como elo a segurar o Oriente ao Ocidente.

Mas hoje queremos deter-nos em Angola, esta província de magia e de sol.

Aqui duas necessidades literárias surgiram quase simultaneamente. Uma a de tornar conhecidos os vultos arrojadados, plenos de sacrifício e amor-pátrio que primeiro conheceram esta província, arrostando mil perigos, depois a colonizaram desbravando ignotas florestas virgens e transformando a terra estéril em verdejantes leiras e, finalmente, a tornaram verdadeiro rincão luso, formoso e moderno, ativo e rico, consciente da sua nobre missão de futuro promotor. Esta a missão histórica.

A outra foi a necessidade que o homem sentiu de expandir a sua emotividade ao contacto de tanta beleza natural, de tanta grandeza. Isto sem esquecer o anseio da raça ou o seu desalento. Se os historiadores tem sido bastantes, os poetas são muito mais. Nestes casos literários não há distinção de cores. Pretos, mulatos ou brancos, todos têm catado com a mesma elevação, fotografando sua alma sensível.

São poucos ainda os romancistas, bem como cronistas ou ensaístas. Mesmo assim, de vivo interesse é a sua literatura pois revela costumes, paisagens, lendas, anseios e desesperos, dum realismo impressionante e penetrante.

Se no campo literário o panorama se nos apresenta assim, no artístico parece evoluir dia a dia. São muitos e bons os artistas plásticos. Angola é campo fértil da actuação dos pintores. Da arte negra falaremos noutra altura.

Maria da Conceição Nobre

**Cabo Verde** é assim mesmo: hostil e apaixonante. Hostil, na secura brusca dos primeiros horizontes, na esterilidade com que se apresenta de início; apaixonante na descoberta, sempre renovada, das paisagens claras, dos recantos floridos, da beleza espontânea e acolhedora dos vales e montanhas magestosas.

**S. Tomé e Príncipe**, lembra pela exuberância da sua vegetação e arrojo da sua cultura, um jardim verde plantado no oceano, que deleita os olhos do corpo e do espírito.

M.ª Conceição Nobre

**Angola** foi desde recuados tempos, um diamante que a metrópole não soube lapidar.

Sérgio Príncipe

**Moçambique** a dos palmares fantásticos, a ridente terra africana, simboliza o triunfo da força de vontade de um povo que quer continuar a ser grande.

Amílcar Andrade

Dependendo de um esforço aturado em que a investigação, a expressão narrativa a forma literária e o conceito são as pedras angulares da sua textura, a História é Ciência, Arte, Literatura e Filosofia.

Ralph Delgado

## CARTA DE RESPOSTA A UM DESCONHECIDO

**D**ISSERAM-SE, injúrias, iogaram-se apedrejos... E eu não ouvi as injúrias, e as pedras nem os vestígios me tocaram — afirmou um dia o grande tribuno parlamentar aveirense José Estêvão, respondendo ao escritor Almeida Garrett, como deputado às Cortes. Mas isto não é o «*Porto de Pireus*», o sr. Agostinho Fernandes não é ninguém, e eu não sou Amândio César nem Amândio César me passou procuração para responder às aleivosias do autor dessa nota acintosa de algum des-

peitado, disse sr. que escreveu «*Amândio César fala... (Ou os fala-barato de café)*».

O sr. Agostinho Fernandes, de Évora, quis porém, talvez por ter lido, ou por ter ouvido ler (e digo isto porque fiquei com a impressão de que sofre de miopia e de preguicite), quis porém, dizia, citar uma afirmação minha, a propósito do livro de Amândio César «*Literatura pelo Caminho*»; em que eu dizir ser este livro «o melhor volume de ensaios sobre literatura brasileira, de autor português,

aparecido em 1958», e isso exige uma explicação: porque o afirmo neste mesmo jornal; porque devo uma explicação aos leitores de «*Notícias do Algarve*», que porventura estranhariam o

por JOSÉ DE MELO

meu silêncio; porque se me poderia aplicar o dito «quem cala consente», e eu não consinto que qualquer Agostinho Fernandes ponha em dúvida os meus juízos, relegando-os para a vala comum de muitos elogios fáceis ou para uma ironia que eu não pretendi e que estaria em contradição com o que adiante vinha a dizer sobre «*Literatura pelo Caminho*».

Ao sr. Agostinho Fernandes das alineas quero eu agora perguntar apenas: a) quais os volumes de ensaio sobre literatura brasileira aparecidos em 1958; b) se se julga habilitado a falar de literatura brasileira e quais as razões por que julga os outros não estarem habilitados e quais são eles. E não perguntarei mais nada. Se responder, continuaremos. Se não responder, considero que quis usar das tais «*fala-baratices*» de café que atira para cima dos outros, neste caso de Amândio César que, com certeza, tenho a certeza, não terá tempo, nem lhe dará, sequer, a confiança de responder-lhe.

## SAUDADE

Juntei dia a dia  
Saudades e mais saudades.  
E eu queria  
Matá-las com novidades  
Que levaria...

Não ainda este mês...  
No outro  
Eu iria...  
Mas nem nos que seguiram partia  
— Havia no fim de cada mês  
Casa e mercearia...

E as saudades ficaram.

...Mas Deus sabia  
Que tu virias um dia!

Francisco Nunes Barbosa  
(BEJA)

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»  
VENDE-SE EM COIMBRA  
na Tabacaria lida & c.ª Ed.  
L. da Portagem, 35

## REGISTO:

«Filhos de Deus», é o novo livro de Manuel de Azevedo, em edição da Soc. de Expansão Cultural.

Uma revista alentejana com direcção do jornalista Melo Garrido. A revista que defenderá os interesses da grande província, terá o nome de «Alentejo Ilustrado» e a sua saída será mensal. Que assim seja, pois não duvidamos dos méritos de Melo Garrido e de quantos em sua volta vão ilustrar a magnífica ideia de levar cada vez mais alto o bom nome do Alentejo.

Fernando Namora de volta com um outro romance que se intitulará «Cidade Solitária», a sair ainda este ano.

Na sua viagem a Portugal, o poeta e escritor espanhol Angel Crespo colheu o maior número de elementos a figurarem numa sua Antologia a publicar muito breve por uma editora de Madrid. Angel Crespo, a quem o nosso suplemento rendeu as maiores venturas no precioso trabalho de valorização da gente nova da literatura portuguesa, levou

de Portugal a certeza de um convívio Peninsular do qual muito se espera.

«Elogio da Província» é o novo livro de Azinhal Abelho que acaba de aparecer e sobre o qual nos pronunciaremos em «crítica literária». Azinhal Abelho um dedicado amigo e filho da terra é autor de «Solidão, Ai Dão! Ai Dão!», «Confidências dum rapaz provinciano» (Prémio Antero de Quental); «Epopéia vulgar dum pobre diabo»; «Victorial»; «Canto Chão»; «Domingo Ilustrado»; «Abredário de Lisboa»; «7 Ex Votos a Nossa Senhora» e «Eu Fui Guadiana Abaixo», todas estas obras em poesia. Depois, num exemplo sincero de homem capaz de elevar o seu espirito no mundo da prosa, Azinhal Abelho deu-nos «Badanais» (contos); «Arraia-nos» (histórias); «Baixo Alentejo» (roteiros) e agora «Elogio da Província» (geografia lírica), assim nos diz o autor antes de abrimos a sua gentil oferta. Acreditamos sinceramente que esta nova obra de Azinhal Abelho seja lírica... Estamos em frente de um grande poeta... P. G.

## ILUSÃO

Rosas caídas  
murchas,  
descoloridas,  
pisadas no pó da estrada.

Rosas desfolhadas,  
cinzas de vidas passadas,  
esperanças que jamais virão...  
pois as rosas desfolhadas  
descoloridas,  
pisadas  
também tiveram  
seu mundo de Ilusão...!

Manuel Catarino

## EXTERNATO FARENSE

(PARA MENINAS)

Ensino INFANTIL, PRIMÁRIO E LICEAL

Situado no Centro da Cidade

ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS QUE TERMINAM, SEM MULTA, EM 15 DE SETEMBRO

LARGO DE SAO PEDRO, 12

Telefone 290

FARO

## TINTAS EXCELSIOR

Tintas para  
a Construção Civil



AS MELHORES  
TINTAS PARA  
NAVIOS DE PESCA  
E COMÉRCIO

DEPOSITÁRIO NESTA VILA:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENIDA DA REPÚBLICA

Telefone 12

## ANGOLA

De ANA ROLÃO PRETO

Ouve, Angola portentosa,  
O que diz o meu amor,  
Orquídea maravilhosa  
De capitoso perfume  
Que a todos nos entonteces:  
Eu quisera subir tanto  
Nas asas da Poesia  
Que este meu estro algum dia,  
Por fantástica magia,  
Pudesse em versos sublimes  
Cantar-te como mereces!...

## Nós e as Revistas Literárias

(Conclusão da 3.ª página)

orientação e Afonso Cautela na direcção propriamente artística. Nasceu e viveu poucos meses. A tiragem de 4 000 era ainda insuficiente para matar a despesa da sua impressão e custo do papel. Os colaboradores? Todos, em bloco, unidos davam as suas dadas escritas, os seus ensaios, os seus contos, as suas entrevistas, os seus belos poemas numa contribuição obrigatória para que o jornal «Dom Quixote», filho da cidade de Évora, fosse alguém a dizer coisas certas da juventude literária. Meses depois morreu... Ainda apareceu o «Europa, outro jornal literário com Urbano Tavares Rodrigues e Artur Portela (filho) na sua direcção. Era um bom jornal e foi isso mesmo que o matou. Hoje em dia são ainda poucos os que se interessam pela leitura culta. E noutros tempos, criado por António Ferro nasceu uma revista que foi o monumento da época. Chamava-se «Atlântico». Foi uma revista de nível indiscutível e o seu destino ou a sua mira foi bem diferente da que hoje revista da Fundação Gulbenkian, de nome «Colóquio»

## O Romance Inglês

(Conclusão da 3.ª página)

vary» vai, na verdade, da exposição dos termos precisos, ao encadeamento de «uma intriga necessária à tiragem de um efeito, constituidor de uma lição, de uma conclusão única, só uma, para todos os casos subordinados às mesmas circunstâncias.

Num, há uma noção de causalidade; noutro, isto é, na estrutura e desenvolvimento do romance inglês, há sobretudo, duração, projectando-se, dimensionalmente em volumes dum modo geral mais espessos.

É tal a tradição estrutural do romance inglês, que, estendendo-se à América, produz num Hemingway os mesmos processos, apesar das múltiplas influências de que é reflexo o resultante pan-americano, e, quer um «O velho e o Mar», quer em «Fiesta», ou no próprio «Adeus às Armas», se projecta.

O Adeus às Armas, libelo anti-guerra é, apesar de tudo, uma sucessão encadeada de acontecimentos, desde o campo de batalha à enfermeira e desta à fuga para a Suíça, tal e qual como o é «The lost girl», de Lawrence, propriamente inglês, em que o autor desce a mina de carvão do pai aos sucessos vários amorosos e não amorosos da filha, da Inglaterra, em várias cidades, até à Itália, nos mostra que o *suber narrar* é a primeira característica fundamental e superior de todo o romance inglês. Como do Sec. XVIII aos nossos dias.

Maria Luísa Ramos

## O GÊNIO CRIADOR DO POVO ROMENO

(Conclusão do número 321)

E quantos poetas, quantos romancistas, quantos novelistas, quantos dramaturgos, quantos críticos e pensadores, todos eles esquecidos ou simplesmente ignorados: Ion Budai Deleanu, Enachita Vacaresco, Eliade Radulesco, Dinico Golesco, Grigore Alexandresco, Gheorghe Asachi, Dimitrie Bolintineanu, Vasile Alecsandri, Cesar Bolliac, Aleco Russo, Mihai Kogalniceanu, Odollesco, Nicolae Balesco, Gheorghe Creteanu, Nicolae Nicolescu, Nicolae Filimon, Panait Chica, Hasdeu, Titu Maioresco, Ghenea, Raico Ionesco-Rion, Lovinesco, Dragomiresco, Iorga, Chendi, Galinesco, Paul Zari-fopol, Tudor Vianu, Petresco, Rebreanu, Sadoveanu, Arghesi, Beniuc, Ispiresco, Panait Istrati, Ion Creanga, Delavrancea, etc., etc.

E' pena que em Portugal só sejam conhecidas as obras de Mihail Eminesco e Panait Istrati, e ainda assim por uns poucos especialistas. Os povos latinos não devem esquecer os seus irmãos romenos, que muito honram o tronco étnico de que fazem parte algumas das mais belas civilizações do mundo.

Mas não é só na literatura que a Roménia tem patenteado vigorosamente o seu génio criador — é outrorssim na música, nas artes plásticas, na ciência, no pensamento, no folclore. Bastaria só o génio de Georges Enesco para se aquilatar da qualidade da escola musical romena. Quem se der ao trabalho de estudar a cultura romena aprenderá muita coisa útil e presará justiça a uma nação que merece o respeito das outras nações pelo seu importantíssimo contributo para o património da cultura mundial. A Roménia baniiu por completo o analfabetismo do seu território e desenvolveu a agricultura e a indústria de maneira espantosa, mostrando ao mundo que o seu povo não produz apenas literatos e artistas, mas igualmente homens de ciência e técnicos laboriosos.

Quem tiver a preguiça de seguir os lugares-comuns

da maioria dos intelectuais e dos compêndios, continuará a derreter-se pelas novidades de Paris, como as mulheres que esperam figurinos, e não dará um passo para conhecer a incomparável riqueza e originalidade da literatura, da música, da pintura e da escultura romenas, e as belas tradições e canções dessa nossa irmã latina que todos os visitantes admiram e recordam com saudade. Especialmente nós, portugueses, devemos recordar que nenhum povo tem tantas afinidades com o nosso como o romeno, apesar da distância que separa as nossas pátrias e da absoluta inexistência de qualquer influência dos dois povos entre si. Registe-se, por exemplo, que a «saudade» só tem tradução exacta no idioma romeno.

Um compêndio de Literatura Universal que não contenha a literatura romena — uma ligeira nota, pelo menos — é uma afronta à grande nação balcânica. Mais ainda: uma afronta à Europa e ao mundo.

A maior glória da Roménia consiste em ter mantido a originalidade da sua cultura e em ter lutado sempre para ser livre e eterna.

J.

### EM PORTIMÃO

Leia o «NOTÍCIAS DO ALGARVE»  
no CAFÉ NACIONAL  
e na  
BARBEARIA DESPORTIVA  
(de João Bonito)

### Seja económico

Poupe muito dinheiro

PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

Telefone 59

Apartado 3

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.



POETA — Óleo sobre tela — 100x80 cm Coleção do Estado

# VIDA DESPORTIVA

## Apesar de tudo porque há árbitros de Futebol?

Por ANDRÉ ROQUE — Árbitro da C. D. de FARO

ESTA pergunta tem-me sido feita inúmeras vezes, principalmente pelas pessoas mais esclarecidas e compreensivas das dificuldades da ingrata missão. Entre os variadíssimos aspectos da aliciente modalidade desportiva que se chama futebol, avulta pela sua complexidade e importância a que diz respeito ao sector da arbitragem. Esta é uma verdade com que todos estão de acordo. Uns por uma razão, outros por outra...

Realmente, o árbitro de futebol, mais que o de qualquer outra modalidade, está sempre em foco não só pelas características especiais deste jogo e pela forma como se processa a sua arbitragem, mas também, e principalmente, pela imensa popularidade que a modalidade disfruta, arrastando todos os domingos para os vários estádios do País e de todo o mundo as multidões mais eterogéneas, animadas, principalmente nos países de sangue latino, do desejo de ver triunfar os seus ídolos seja como for. Entre nós pelo menos sabemos que assim é.

Estamos convencidos de que a missão de juiz será sempre penosa, pelos erros a que sujeita quem tem a missão de julgar seja o que for, pois a justiça absolutamente «justa» ainda não me parece que seja cá deste mundo. Mas ser juiz num campo de futebol, não é penoso. É heróico. Estou convencido de que todos os frequentadores dos estádios também não terão dúvidas sobre este ponto.

Uma falta mal interpretada, prejudicando um dos clubes contendores será o rastilho que incendiará os ânimos dos exaltados, levando-os a insultar o árbitro, a agredir inclusive, numa ânsia de extermínio bárbaro, que nos sugere os antigos espectáculos de sangue dos circos romanos, quando Nero mandava trucidar os gladiadores vencidos. Ainda recentemente, e o que é mais grave, em Portugal, um árbitro, o desditoso Aureliano Fernandes, pagou com a vida o seu «atrevimento» ou a sua coragem de ser árbitro de futebol.

Não acreditamos que por estes tempos mais próximos este lamentável panorama mude muito, pelo menos nos seus aspectos mais dramáticos. Acredito sim, que todas as vezes que um árbitro e os seus auxiliares descerem ao terreno de jogo para dirigir uma partida de futebol, nas actuais circunstâncias, estão jogando corajosamente a sua vida. É triste que isto se diga, mas é a verdade. E para nós portugueses, nem nos deve servir de consolação a lembrança de que em outros países, por ventura mais progressivos nas coisas do desporto, ainda acontece pior.

Mas quantas vezes, e isto é que é normal, o árbitro não errou, fez simplesmente cumprir as leis do jogo, leis que o nosso público na sua esmagadora maioria ignora, não estando logicamente em condições de com propriedade, ou, vamos lá, com a «natural» indignação de quem vê perante seus olhos, conhecedores e esclarecidos, cometer um atropelo às leis do jogo, reclamar da decisão do juiz da partida. Infelizmente, na sua grande maioria, todas as «brancas» dos Estádios de futebol devem-se à ignorância, em conjunto com a descontrolada paixão dos prosélitos dos clubes em luta.

Bem se sabe que desde as mais altas esferas do desporto, tem sido desencadeada uma campanha, com o intuito louvável de melhorar este lamentável estado de coisas. Mas, não obstante os esforços conjuntos de todos para se corrigir esta grave anomalia do nosso desporto, não vejo, repito, que a aurora anunciadora de um novo dia de esperança comece já a dar novos tons de luz à escuridão que existe sobre este aspecto na cidade desportiva. Antes pelo contrário, parece-me que a escuridão tende a adensar-se com o recrudescimento para a velha tendência, verificado na passada época, de atirar para as costas do árbitro, justificando com a sua vernalidade ou ignorância total das mais elementares leis do jogo, as derrotas sofridas, expulsões, e todo o caudal de misérias em que uma época de futebol é fértil.

É fácil atirar para cima do «bode expiatório» as culpas dos defeitos dos jogadores, treinadores e principalmente dos dirigentes, que pretendem muitas vezes justificar-se perante as massas associativas, dos elevados milhares de escudos gastos na aquisição de «vedetas» caras, que não conseguem ganhar os encontros, nem render o que deles se esperava...

Em este ambiente desolador, ao árbitro não resta outro recurso que não o de conformar-se, sem defesa contra as ideias falsas que da sua pessoa se possam fazer,

em um seguro que lhe possa garantir uma reparação devida no caso de vítima de qualquer agressão que lhe produza incapacidade para poder ganhar a vida para si e para os seus. Resta-lhe encolher os ombros e prometer por vezes que não voltará. Mas no domingo seguinte lá o vamos encontrar de novo de apito na boca ou com a bandeirinha na mão...

«Apesar disto tudo, porque há árbitros de futebol?»  
Por dinheiro dizem muitos, convencidos que são as verbas pagas aos árbitros uma grossa fatia do bolo que o Zé Pagante aumenta de domingo para domingo no cofre Federativo.

E os árbitros não podem deixar de sorrir, com um sorriso triste e resignado, quando a questão é posta desta maneira. Não. Os árbitros não andam «nisto por dinheiro». Excepção feita a alguns (poucos) que por esta ou por aquela razão, nem sempre pelos seus reais méritos, conseguem «aparecer» todos os domingos a arbitrar jogos de primeiro plano, os árbitros não ganham dinheiro que justifique a sua dedicação à causa que defendem. Convido os leitores a imaginar a sensação de «lucro» sentida por um árbitro após terminada a missão como fiscal de linha num dos tais jogos sob chuva e frio inclementes, repassado até aos ossos, vaiado quando recolhe à cabina cobrando o prémio de 20\$000 ou 30\$000...

Não é o dinheiro que faz correr os árbitros. É a sua dedicação pelo desporto e por uma causa que voluntária ou involuntariamente os atraiu. Em Portugal ninguém faz modo de vida com a arbitragem, até porque do dinheiro das bilheteiras só uma parcela infima vai para os bolsos dos homens do apito.

O árbitro é, regra geral, um aficionado do desporto, especialmente do futebol. Arbitra por desporto, por «carolice», porque gosta de viver «dentro» do desporto as suas horas de folga. É quase sempre um antigo futebolista que não se conformou em recolher à bancada e se deixou ficar pelo terreno do jogo com o apito ou a bandeira, ou um homem que gosta das actividades desportivas praticando-as à sua maneira e viu na arbitragem um

meio de fugir da bancada, ou é ainda um rapaz com jeito que foi «pescado» para a causa, que tomou gosto e se mantém. Todos tem um supremo objectivo, progredir e vir a ser um nome grande na arbitragem, respeitado pelos críticos conscientes. Esse seu gosto pela causa da arbitragem, tem de estar alicerçado em condições naturais, quer de ordem física como psicológica, condições naturais, que se irão aperfeiçoando com o estudo persistente das leis do jogo, com o revestimento de uma personalidade forte, que se irá temperando de jogo para jogo, com o «saber da experiência feita».

Evidentemente que muitos fracassam, perdem a moral e a força de vontade esvai-se, ou porque estão mal dotados fisicamente, culturalmente, ou até por esse factor importantíssimo que é a preparação mental para enfrentar os problemas que surgem a um árbitro da forma mais inesperada possível. E ainda há outros que fracassam porque resolvem pura e simplesmente guardar no bolso, tomar «juízo» e recolher ao anonimato da bancada.

Mas até os árbitros que por esta ou por aquela razão falharam aqui ou ali, deveriam merecer a simpatia do público. São todos uns sacrificados, umas vítimas da sua paixão pelo jogo, e contribuem com melhor ou pior mérito, mas sempre com abnegação e honestidade para que todos os domingos o grande público possa disfrutar com prazer o decorrer dos mais variados encontros de futebol. As suas falhas são consequência da natureza humana.

Nunca se deverá ver no árbitro mesmo quando erra, o ser venal e execrável, de moral obtusa, que faz do jogo que vai dirigir um negócio. Até porque, e isso é um dos maiores orgulhos da arbitragem portuguesa, o elevado nível de honestidade e autoridade moral dos seus elementos é indelével. Um caso ou outro, já longínquo, não pode significar a regra geral. Seria de uma injustiça revoltante.

E pronto amigos, creio ter justificado a razão porque em minha modesta opinião «correm» os árbitros...

## Decorrem em animado ritmo OS TREINOS DO LUSITANO F. CLUBE

Presenciamos pela primeira vez, nesta época, um treino do Lusitano F. C., na passada quarta feira, no seu campo de jogos, e ficámos com a melhor das impressões acerca da feliz exibição a que assistimos.

O referido treino principiou com sessão de ginástica e preparação física dirigida pelo seu treinador Carlos Bello que decorreu animadamente, seguindo-se um desafio-treino — o pai-meiro desta época — em que participaram todos os titulares e reservas, à excepção de Campos a contos com a lesão, sofrida no final da época finda.

Deslocamo-nos proposita-

damente ao campo «Francisco Gomes Socorro» para ver em acção os novos elementos contratados pelo Lusitano para a presente época e, digamos desde já, agradaram à numerosa assistência que presenciava o treino. Pois os novos recrutados — Martinez (ex-Recreativo de Huelva); Gonçalves (ex-Farense) e Jaruga (ex-Sambrasense), agradaram plenamente, pelo que a assistência, levada pelo entusiasmo, aplaudiu demoradamente os atletas.

Tudo nos leva a crer que o Lusitano, na presente época irá honrar o nome de Vila Real de Santo António.

## CICLISMO

A Associação de Ciclismo de Faro, com o patrocínio do Ginásio de Tavira e do nosso colega «Jornal do Algarve», levou a efeito no passado Domingo 23, uma prova ciclista para populares com o seguinte itinerário: Castro Marim, São Bartolomeu, Gancho, Altura, Cabela, Manta Rota, Cevadeiras e Vila Real de Santo António, em 2 voltas, percorrendo 60 Km. que despertou enorme entusiasmo na nossa vila e por todas as povoações por onde passaram, fazendo lembrar a volta a Portugal (em miniatura).

Compareceram à partida, que foi dada às 9,40 junto à Escola Feminina, 26 corredores representando o Lusitano F. C. (2), Glória F. Clube (2), Ginásio de Tavira (8), S. L. e Faro (5), Castro União (1), Portimonense S. Clube (6), S. C. Farense (1) e individual (1).

A prova foi muito arduamente disputada e foi ganha por Manuel João, do Portimonense, à média horária de 35.920.

Entraram na meta, instalada junto ao Hotel Guadiana, 17 corredores

cuja ordem de chegada dos 10 primeiros foi a seguinte:

- 1.º Manuel José C. João, (Portimão), 1,40,40;
- 2.º Eleutério do Carmo Antunes, (individual), 1,40,40;
- 3.º Reinaldo Saúde, (Ginásio), 1,40,40;
- 4.º Francisco Cabrita, (Portimão), 1,40,40;
- 5.º José António Pereira, (Portimão), 1,43,45;
- 6.º José Inácio Fernandes, (Portimão), 1,43,45;
- 7.º António João, (S. L. Faro), 1,44,10;
- 8.º Manuel A. Iglésias (Ginásio), 1,44,27;
- 9.º Joaquim R. Ferreira, (Portimão), 1,45,35 e 10.º, Januário R. Gonçalves, (Ginásio), 1,46,07.

No final foram distribuídos alguns prémios e a Associação louvou a forma impecável com que decorreu a prova tanto pelas facilidades dadas pelas autoridades como por aqueles que auxiliaram na estrada.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

# MONTE GORDO

## UMA DAS MAIS BELAS PRAIAS DA EUROPA

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

dar a minha humilde opinião sobre um assunto de tanta actualidade.

Depois de ter percorrido as praias de Inglaterra com as suas águas frígidas, as praias de Espanha onde, em muitas, quase só se encontra pedra em vez de areias; a de S. Sebastian, tão simpática mas com as suas constantes variações de clima; as da costa do Sul, sem condições de conforto no acesso que se faz por caminhos muito íngremes e poeirentos; as da célebre Côte de Azur francesa, quase sem areia — nas que estão convenientemente exploradas — ou com areia sujíssima ou ainda açoiteadas, por vezes, pelo violentíssimo Mistral; depois de conhecer o encantamento da Ilha de Maiorca com a sua praiasinha idílica perto da Gruta de Artá, junto do magnífico Hotel de Canyamel e a praia deliciosa perto do Hotel de Luxo de Formentor, mas estreitíssima em comparação com as nossas praias do Algarve; enfim, depois de conhecer quase todas as praias de Portugal, tenho de reconhecer que Monte Gordo deve ser, de facto, pelas suas condições únicas, extensão e clima, além de maravilhosa temperatura da água, a maior, senão uma das mais belas praias da Europa.

Quando se chega, pela primeira vez, a Monte Gordo, a sensação é, de facto, de deslumbramento. Mas, se a praia é uma das mais belas, se o pinhal é soberbo, a desolação é também completa. Em vão o turista que ali chega procura o hotel, a pensão confortável e silenciosa que o local *Imperiosamente* reclama. Um acampamento no pinhal faz-lhe crescer a água na boca mas é um Eldorado que não é para ele. Casas, muitas casas amorosas, constituindo outro autêntico suplicio de tântalo. Tudo particular. Alguém me indica a casa da D. Francisca, como única salvação. Ansiosamente dirijo-me para lá. Sinto-me ainda em Espanha porque as donas da casa são espanholas. Muito amáveis. Encantadora a D. Francisca. Apetece abraçá-la, tão doces são os seus olhos e fidalgo o seu gesto. Todas as linhas do seu rosto revelam nobreza e é nobre a sua forma de receber. Atacada de um mal que apanhou em Espanha, encontra-se quase inválida mas, no seu sorriso acariciador, sente-se a resignação das santas e apetece pedir-lhes a benção e que reze por nós, de tal forma parece estar em contacto com Deus a sua alma que se pressente duma perfeita cristã.

Em sua casa é-se bem tratado, num delicioso á-vontade mas a casa é pequena, tem as necessárias condições de silêncio para quem apenas deseja o repouso quase impossível de encontrar neste mundo.

Domingo! Chega a noite! Dormir?... Como?... Até às 3 e 30 da madrugada passam debaixo das janelas, fazendo um ruído infernal, os carros de cavalos (não vale a pena falar do aspecto deplorável destes carros pois já o facto foi notado num dos citados artigos). O cinema, acabando tardíssimo, parece ser a causa deste destempero. E recordo os cinemas de Londres e Paris acabando antes da meia noite assim como a própria Ópera! Mas aqui, na Península Ibérica, Parece que deitar cedo é ideia de loucos...

Outros ruídos aflitivos invadem os quartos constantemente. Motos com o escape em toda a força; as insuportáveis vespas; au-

tomáveis; gente falando altíssimo e cantando e rindo, sem a mais pequena consideração pelos que desejam dormir, flagrante prova da nossa má educação cívica. Enfim! Desiste-se de dormir. Passa a noite e é quase alvorada quando se consegue conciliar o sono dali a pouco novamente interrompido pelo movimento da casa e dos que se levantam para começar o dia de praia.

Dali a pouco, ao percorrer o pinhal, mergulhado em silêncio, mergulhei eu também em dolorosa meditação. Seria possível repousar ali mas... não somos campistas e nem uma simples lona nas árvores nos permite deitar longe das formigas.

Disseram-me em Vila Real que havia um orçamento de 2.000 contos para reabrir o Hotel que se encontra agora fechado. E, sem querer, continuo meditando: Vila Real cidadesta incancharística, impecavelmente limpa, mas cuja praia de pescadores nunca poderá suplantá-la de Monte Gordo... Vila Real, ponto obrigatório da passagem da fronteira... Quase involuntariamente, quase impondo-se-me, esboço, em pensamento, o plano de turismo que parecerá mais adequado àqueles sítios.

A entrada de Portugal é, incontestavelmente, agradável. O conjunto do rio e da linda estação de Vila Real, com o seu jardim belamente cuidado dá a melhor impressão ao português ou estrangeiro que, pela primeira vez, ali chega. Mas... permanecer em Vila Real? Para quê?... (A propósito é de lamentar que em nenhuma casa se veja uma flor, nem qualquer verdura, o que seria vantajoso para quebrar a intensidade de luz na brancura da cal, chegando esta luz a ser insustentável, e facilmente se vislumbra o bellissimo quadro que faria Vila Real se todas as casas ostentassem lindas flores nas janelas, cheias de flores semelhantes às do jardim, como acontece com outras vilas e aldeias portuguesas.) Um hotel de luxo parece ser o que está projectado. A preocupação dos hotéis de luxo não começará a constituir já uma doença nacional?... Não bastaria um simples e grande hotel, confortável mas sem qualquer luxo?... para ser acessível às classes médias de todos os países?

E... já que o «Notícias do Algarve» nos pede sugestões, não pela mínima vaidade, mas apenas pelo meu amor profundo à terra portuguesa, não resisto a dizer-lhe o que sonhei naquela tarde em que o mar de Monte Gordo me envolveu carinhosamente nos seus braços de veludo e o pinhal

## ADJUDICAÇÃO DO QUARTEL DOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS DESTA VILA

Informa-nos o sr. Comandante Luís Cardoso de Figueiredo, que a data da abertura das propostas para a construção do Novo Quartel dos Bombeiros Voluntários desta vila, será no dia 21 de Setembro e não no dia 20 conforme se publicou no anúncio respectivo, visto ser o dia 20 de Setembro um Domingo.

## Finalmente = SIVIA

Resolverá os seus problemas de refrigeração — Indispensável para Farmácias, Escritórios Médicos — No seu BAR, carro, acampamento, barco ou nos seus fins de semana.

CARACTERÍSTICAS  
Altura 46 cm, Profundidade 42 cm, Largura 52 cm, Peso 14 kg., Capacidade 35 L., Corrente contínua ou alterna 220-110-24-12-6 V, Cinco anos de garantia nos órgãos essenciais = Veja-o e admire-o no

BAZAR DAS NOVIDADES Vila Real de Santo António

## LÃS PARA TRICOT

A CASA QUE MAIOR SORTIDO APRESENTA EM LÃS  
Marcas: TWEED, SHETTLAND, AUSTRALIANA, RUBY, ANGORA  
LINDA COLEÇÃO DE ALGODÕES MERCERIZADOS  
PERLOPONS E RAFIAS  
CORES GARANTIDAS — ENVIAM-SE AMOSTRAS  
PEDIDOS A: J. A. MONTEIRO, LDA.  
RUA AUGUSTA, 250-2.º DT.º — LISBOA

« NOTÍCIAS DO ALGARVE »  
VENDE-SE  
EM TODO O ALGARVE

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)

### OS TRANSPORTES NACIONAIS para o Extremo-Oriente

(Conclusão da 1.ª página)

ou ainda com maiores intervalos, acontece viajarem, quase sempre, superlotados, o que traz grandes inconvenientes fáceis de compreender e se não justificam.

Depois da guerra, foi o «Colonial» o primeiro navio que por aqui apareceu, orgulhoso da sua bandeira, das suas instalações e da companhia a que pertencia — Companhia Colonial de Navegação. Foi uma alegria para todos os portugueses, especialmente para aqueles que nele embarcavam com destino a Lisboa, via África; bem tratados sob todos os pontos de vista, e convencidos de que o «Colonial» seria o navio que inaugurava uma carreira de navegação há tantos anos reclamada e absolutamente necessária para o prestígio de Portugal por todas estas paragens.

O «Colonial» era um navio que, apesar de velho, em acomodações e luxo suplantava qualquer dos outros que o sucederam. Após a guerra era tal a ansia que todos tinham de regressar a Portugal, que por falta de acomodações e outros motivos, ainda muitos passageiros do Estado ficaram, para seguir nos navios que vieram depois. Mesmo assim o «Colonial» safu daqui com muitos mais passageiros do que aqueles que deveria transportar. E foi esta a única razão de queixa de alguns passageiros, que não se conformaram com as instalações que lhes foram destinadas. Mas pondo de parte este caso particular, ainda hoje se agradece à Companhia Colonial de Navegação, ter escolhido para esta viagem, ao tempo, um dos seus melhores navios.

Além da Inglaterra, que ainda tem Colónias de grande importância política e comercial, outros países há que mantêm carreiras de navegação para estas paragens, tocando obrigatoriamente em Hong-Kong, e indo até ao Japão. E se a França, a Itália, a Holanda e outros países podem manter carreiras de navegação, com navios de primeira categoria, por que será que as nossas Companhias, nem com o exclusivo dos passageiros do Estado, para aqui desviavam navios que possam competir com os outros de tonelagem, conforto, andamento, etc.? Estamos certos de que uma carreira de navegação regular, como as estrangeiras, que fizesse viagens da Europa ao Japão, com agências bem organizadas de todos os portos de escala, não daria prejuízos.

Apesar do porto de Hong-Kong ser dos de maior movimento, é tão grande a afluência de passageiros que, muitas vezes, só se conseguem passagens com dois ou três meses de antecedência. Se os nossos navios não são ali utilizados, é porque nunca se sabe quando chegam, nem quando partem, e por todas as razões já apontadas.

Muito se fala e se escreve sobre o progresso da nossa marinha mercante: e, de facto, muito se tem feito no sentido de a desenvolver, especialmente com o fito nas carreiras de África. No entanto, como se fosse medida extraordinária, recordamo-nos de há tempos se ter anunciado aos quatro ventos, por telegrama, que no «Pátria» e no «Império» foi instalado um moderno sistema de ar condicionado! Estes e outros telegramas do mesmo Jazé, são a prova do atraso em que vivemos. O ar condicionado já era, ao tempo do citado telegrama, tão vulgar nos navios, nos hotéis, nos teatros, nos restaurantes, nos escritórios, etc., que já ninguém reparava nesta comodidade, estranhando-se, sim; a sua falta.

Das viagens feitas ao Extremo-Oriente por ilustres representantes da Companhia Nacional de Navegação, nada se tem verificado quanto a qualquer alteração ou

### FEIRA ANUAL DE LUZ DE TAVIRA

Tem lugar nos dias 4 e 5 de Setembro a tradicional feira anual de Luz de Tavira, que atrai bastantes forasteiros.

Para maior engrandecimento dos festejos a realizar, a Casa do Povo de Luz de Tavira apresenta no seu Parque de Diversões, no dia 4 de Setembro, o Rancho Folclórico da Casa do Povo de Sto. Estevão e um animado baile. No dia 5, a patinadora Cêu Maria Pires e um baile de grande atracção pela Orquestra Império, de Faro.

### Está para breve a Construção DO NOVO QUARTEL DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

(Conclusão da 1.ª página)

os nossos Bombeiros e ao mesmo tempo edifício magnífico para estar em condições o material que possuímos e no mais importante, para ministrar-mos uma eficiente instrução aos novos Bombeiros.

Estão concretizadas as possibilidades para esse efeito?

Podemos já anunciar que sim. Está tudo nas devidas condições e como já é do domínio público foram já publicados os anúncios para a arrematação da construção do edifício do novo Quartel, esperando-se apenas as propostas para podermos adjudicar a obra.

Quando calcula sr. Luís Figueiredo, poderão ser começadas as obras?

Não me é possível dar ainda uma data fixa, mas tudo me leva a crer que dentro de 40 dias já se deve dar início aos trabalhos de construção.

Pode informar-nos qual o local que foi escolhido para a construção?

Em conformidade com o Plano de Urbanização, o local mais apropriado é a entrada da vila, próximo de uma praça que deverá ser construída no mesmo local.

É evidente que a construção do novo quartel será uma obra de utilidade geral. Entende V. que a Corporação fica em condições de bem servir a população da nossa terra com essa realização?

Evidentemente, o Quartel é uma obra que a todos os títulos se impunha pela sua absoluta necessidade e como sabe, estas Associações não têm outro fim senão o de serem úteis à colectividade; logo Vila Real de Santo António deve estar satisfeita com a realização deste velho sonho, assim como se mostram satisfeitos todos os que compõem o corpo activo desta Corporação.

Estamos pois, a um passo de ver concretizado o seu grande sonho de comandante da Corporação?

O sonho não tem sido só

meu, todos os que fazem parte da Corporação o desejavam.

É natural portanto, que se sinta satisfeito por ver materializada a sua legítima aspiração, em remate da sua muita dedicação pela organização da actividade dos Bombeiros Voluntários da nossa Vila, não é verdade?

Faltaria à verdade se lhe dissesse o contrário, pois há quarenta e tantos anos que lutamos para a sua realização, quanto à minha dedicação só tem sido o cumprimento do meu dever de comandante e como tal, responsável pelo bom desempenho da nossa honrosa missão.

Sentimo-nos satisfeitos e esperamos que o povo de Vila Real de Santo António nos ajude a levantar esta obra que mereceu a aprovação de todos nós, pois ela não é nossa, é de todos e felizmente já se vai dando um pouco de atenção e fazendo justiça às intenções que nos animam nesta cruzada, por vezes bem ingrata e perigosa para a saúde e vida daqueles que se dedicam e sacrificam pela mesma.

Ao terminar a nossa entrevista não queremos deixar de agradecer ao sr. Comandante Luís Cardoso de Figueiredo a amabilidade com que aceitou o nosso pedido, prestando-se a declarar para os nossos leitores os benefícios que advêm da construção do novo Quartel dos Bombeiros Voluntários desta vila, obra de real valor para a segurança de cada um e de todos nós.

### CONVERSANDO

(Conclusão da 1.ª página)

plano da lotaria vai dar muito dinheiro a ganhar e que os pobres, finalmente, irão ter o seu «pé de meia»; mas não acreditamos lá muito nessa fé que o atormenta dia e noite. O papelinho da lotaria também faz parte da vida do lisboeta: ele compra, semanalmente, o seu décimo, dobra-o e guarda-o religiosamente. Uma se-

(Conclusão da 3.ª página)

ruídos. Estes dois andares de cima são um vasto dormitório e assim, mesmo com crianças, nada haverá que perturbe o sono dos hóspedes.» Compreendo. Este é o grande luxo do Hotel, mas um luxo imprescindível num Hotel próprio para férias repousantes.

Disfrutando de uma bellissima situação, envolvido pelo pinhal, não chegam aqui os ruídos da estrada.

Desço ao andar de baixo, à sala de jantar, também mobilada com extrema simplicidade mas com gosto e dispo de um soberbo terraço completamente envidraçado, cujas janelas se podem correr umas sobre as outras, conforme o tempo o aconselhar. Instalo-me numa mesa nesse terraço. Na minha frente estende-se o pinhal e dali logo avisto um campo de ténis; mais longe, lonas de várias cores suspensas nas árvores; o ruído característico dos patins. Subitamente sente-se um galopar de cavalos. Aproxima-se um grupo de gentis amazonas e cavaleiros garbosos. Juventude prometedora de Portugal. Segundo vejo, fascinada, praticam-se aqui todos os desportos pois, ao mesmo tempo chegam ao Hotel alguns tenistas e um grupo de banhistas ainda fragrantes dos aromas salinos. A sala de jantar transforma-se repentinamente numa alacre e pollicromada aguarela.

Sobre a mesa encontram-se duas listas: uma de preços caros para o turismo rico. Mas, para mim, que pertenço à «desherdada da» classe média, encontro a «lista turística» como encontro nos melhores hotéis de turismo da Inglaterra, com preços perfeitamente acessíveis. Com o auxílio do criado solícito, componho rapidamente uma ementa: Sopa, um prato simples mas saudável e fruta ou doce. 17\$50. Faço mentalmente as contas:

Almoço e jantar . . . . .	35\$00
Pequeno almoço . . . . .	4\$00
Dormir . . . . .	25\$00
	64\$00

Vinhos à parte, claro. Com o turismo e o serviço, fica uma diária razoavelmente acessível, num hotel com aquele conjunto. Afinal, vejo que em vez de 10 dias, poderei ficar 20. O Hotel beneficiará com isso e para o ano voltarei com um grupo de amigos.

Depois do almoço passo para uma deliciosa sala de estar, mobilada com a mesma simplicidade e algumas mesas de jogo com luzes apropriadas. (Esta sala poderia ser suprimida sem desvantagem, visto haver o grande vestíbulo, o terraço e o próprio pinhal.)

Pergunto qual é a temporada de verão ali. Respondem-me ser de Maio a Outubro. Muitos hotéis e pensões de 1.ª a 2.ª classe,

mana compra a terminação em 7, na outra em 6 e na próxima arrisca a dos dois 00: mas qual que, a sorte não quer nada com ele e aqueles dois olhinhos desconfiados — iguais a tantos outros milhares — rodopiam direitos à lista e bailam sobre o décimo. Resultado: branquinho.

É que o lisboeta, naturalmente como o japonês ou o marroquino, gosta de suar, não se importa de estirar-se sobre a relva e sujar o fato, nem foge ao trabalho, mas gosta imenso de passar o seu «week-end» fora desta balbúrdia e daquele ar viciado dos «cafés» a que, por exigência cá do burgo, está habituado. E, de facto, para concretizar esse sonho, gosta de sentir na carteira o tal papelinho milagroso que lhe pode dar cento e tal contos, ou, rectificamos, simplesmente a terminação. E depois sabem os senhores o que acontece? Bom, eu não sou pessimista, mas estou na minha: o lisboeta ainda suava mais. Com dinheiro no bolso, afogava-se numa tina de «Canada-Dry» ou bebia cerveja — porque cerveja é saúde, na opinião dos dísticos publicitários — e quanto mais bebesses mais suava. Portanto, para continuarmos a ver o pacato lisboeta estirado sobre a relva húmida; sem dinheiro e sem automóvel, bebendo água pura e cristalina das fontes desta cidade, carregando, aos domingos de manhã, com os cestos e garrafas do farnel, que será comido na praia ou no campo, fazemos votos para que o décimo não seja premiado! É que o dinheiro, amigos, tira por vezes o pitoresco às pessoas e nós, afinal, os eternos filhos destas tragédias, apreciamos ainda o bom lisboeta de garra e farnel às costas. . . lamentando o dinheiro gasto no tal papelinho tão branquinho que até parece lavado com o detergente que dá baldes de plástico!

Bem, compreenda-se que não há má vontade da minha parte em o décimo ser premiado, valha-me Deus!

«O SNI tem a seu cargo numerosas missões ligadas à informação, à Cultura e ao Turismo. Todas essas missões podem, no entanto, sintetizar-se no apoio sistemático que o SNI intenta dar às mais variadas formas da cultura literária e artística; nas facilidades que cura de encontrar para que os órgãos de informação nacionais e estrangeiros melhor possam desempenhar a sua missão; no desenvolvimento do turismo que, além, de mais, se considera processo de particular interesse para uma cada vez maior aproximação dos povos.»

Portanto, porquê esperar? . . . Se é Portugal que espera? . . .

Leonor Bello

Visado pela Comissão de Censura

com preços mais elevados e outros mais acessíveis ainda, estão já projectados para serem construídos no meio do pinhal, tornando mais fácil o desenvolvimento turístico e compreendo que só então se justificará o hotel de grande luxo. Visito o Casino, à tarde. É natural que se modifique também de pacata sala de estar dos habitantes dali, como agora se encontra, em autêntico casino internacional, com jogo, atracções variadas, etc. E visito já os belos campos de golf, de polo que certamente surgirão também.

A noite, no terraço agradável e iluminado do Hotel, disputam-se nos bilhares russos interessantes campeonatos de interesse entre estrangeiros de várias nacionalidades e portugueses. A recordação que me deixa esta estadia em Monte Gordo é inesquecível.

Continuo a sentir-me, porém, o turista que chega quando desço do autocarro em Faro e visito a Ilha de St.ª Maria. Novamente mergulho no sonho ao idealizar o esplêndido contraste que poderia oferecer, no futuro, com Monte Gordo, aquela deliciosa ilhasinha perdida entre o Oceano e a bellissima Ria se a não estragarem com qualquer Hotel de grande luxo, como me disseram estar projectado. . . Penso como seria interessante transformar Monte Gordo numa estância de luxo internacional e conservar aquela Ilha, num estado semi-selvagem, como um precioso oásis, estudado para oferecer o máximo conforto mas em simples e cómodos hotéis, e mantendo um aspecto exactamente contrário a Monte Gordo.

Nada de casino, poucas telefonias, vida quase privativa para quem aprecie a solidão e o silêncio, que seria obrigatório a partir da meia noite em toda a ilha, proibindo-se mesmo o andamento de motos, de automóveis, das horríveis vespas depois daquela hora, ou então, permanecendo estes veículos, depois dessa hora, logo à entrada da ilha, no grande parque de estacionamento que ali se encontra ou em qualquer outro. Qualquer desses ruídos devia ser também absolutamente proibido antes das 8 da manhã. Sei que isto é difícil de conseguir devido ao egoísmo dos que só pensam em si mas. . . porque não tentar? A Ria presta-se admiravelmente para todos os desportos náuticos. Conheci, por acaso, ali, antigos pioneiros da ilha, de elevada categoria que muito têm já pugnado por esta ideia, aterrado pelo pavor desses insuportáveis ruídos que a civilização traz, infelizmente, onde quer que chegue.

Mas. . . é forçoso regressar do maravilhoso país do sonho das mil e uma noites em que andei viajando por alguns momentos. Acordo! É a realidade! Encontro-me de novo em casa da D. Francisca e beijo-lhe as mãos patricias cançadas de lutar por sonhos idênticos. . .

Muito haveria ainda a dizer sobre o lindíssimo Algarve, essa maravilhosa costa do sonho e da lenda onde os portugueses deixaram tanto das suas almas de grandes pioneiros, essa costa que, por enquanto, está quase inexplorada.

Todos sabemos que obras destas só podem levar-se a efeito com o concurso entusiasta de, pelo menos, três vontades concordes: a das Câmaras locais; a dos particulares; a do Estado. Conheço poucos algarvios para saber ao certo como pensam a este respeito e se porão o bem nacional acima dos próprios interesses. . . Das Câmaras estou convencido que há a esperar a melhor boa vontade, servindo Portugal acima de tudo, Do Estado, julgo que a frase do Senhor Secretário Nacional da Informação, proferida na entrevista que concedeu ao jornalista brasileiro Laeth de Magalhães, do semanário «Voz de Portugal», do Rio de Janeiro, e que a seguir transcrevo, nos poderá dar as maiores esperanças de inteligente cooperação e melhor boa vontade, como aliás sempre nele tem encontrado aqueles que o procuram:

«O SNI tem a seu cargo numerosas missões ligadas à informação, à Cultura e ao Turismo. Todas essas missões podem, no entanto, sintetizar-se no apoio sistemático que o SNI intenta dar às mais variadas formas da cultura literária e artística; nas facilidades que cura de encontrar para que os órgãos de informação nacionais e estrangeiros melhor possam desempenhar a sua missão; no desenvolvimento do turismo que, além, de mais, se considera processo de particular interesse para uma cada vez maior aproximação dos povos.»

Portanto, porquê esperar? . . . Se é Portugal que espera? . . .

Leonor Bello

Visado pela Comissão de Censura

## GRANDIOSAS FESTAS DE AYAMONTE (ESPAÑA) EM HONRA DE NOSSA SENHORA DAS ANGÚSTIAS

NOS DIAS 7, 8, 9 E 10 DE SETEMBRO DE 1959

Não perca a oportunidade de assistir a estas grandiosas festas e apreciar a graça do povo Andaluz

Por deferência das Dig.ªs Autoridades dos dois países irmãos foram este ano concedidas as máximas facilidades de fronteira

### A EMPRESA DE TRANSPORTES DO RIO GUADIANA L.ª de VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Tem os seus serviços de transporte de Passageiros e Veículos, montados de forma a assegurar o trânsito Fluvial entre Vila Real de Santo António e Ayamonte com rapidez e máxima segurança

Nos escritórios da Empresa de Transportes do Rio Guadiana, Lda., Avenida da República—Vila Real de S. António, prestam-se todos os esclarecimentos

NOTA: Recomenda-se ao Ex.º Público visitante que deve vir munido de Bilhete de Identidade (actualizado). Os menores devem trazer a cédula pessoal e vir acompanhados dos pais